

MÁRIO MATOS

A viagem e a “viragem” na RDA*

Separata

Miscelânea de Estudos em Homenagem a
Maria Mannuela Gouveia Delle

Volume I / Band I

Mário Matos
Universidade do Minho

A viagem e a “viragem” na RDA*

Um dos mais peculiares livros de viagens da autoria de antigos cidadãos da República Democrática Alemã (RDA) vindos a lume no imediato pós-reunificação tem um título, significativamente, polissémico: *grenzen los fremd gehen*. Aludindo, por um lado, à nova situação das fronteiras abertas e consequente possibilidade de viajar por terras estranhas, e, por outro, de um modo mais subliminar, à libertação sexual implícita na expressão “fremd gehen”, que, no uso mais corrente da língua alemã, significa “trair o parceiro amoroso”, neste volume composto de mais de duzentos breves poemas em prosa assim como de várias dezenas de desenhos grotescos, Gabriele Stötzer-Kacholdl¹ reúne ecleticamente fragmentos diários que, sem obedecerem à habitual linearidade cronológica do género, “narram” as experiências deambulatorias, em que se confundem as dimensões do “real” e do onírico, da figura autorial durante as suas viagens a diversos países ocidentais entre 1989 e 1992. Uma vez que se trata de um período de transição marcado por profundas transformações a nível da história pessoal e colectiva, não surpreende portanto que a narradora se auto-caracterize, logo em epígrafe, como uma viajante apátrida em busca de orientação num novo e desconhecido mundo:

ich bin die frau aus einem land	eu sou a mulher de um país
das es nicht mehr gibt	que já não existe
und gehe durch länder	e caminho por países
die es für mich nie gab	que para mim nunca existiram]
(Stötzer-Kacholdl, 1992: 3)	

* O presente artigo remonta a um estudo mais abrangente sobre a complexidade do fenómeno do turismo na RDA, quer dentro dos limites do “mundo socialista” quer “além-muro”, e das respectivas representações nos livros de viagens durante *toda* o período de existência da Alemanha do Leste (1949-1989/90) que o autor aborda noutros artigos (Matos, 2001, 2003, 2004) e aprofunda na sua dissertação de doutoramento recentemente publicada (Matos, 2010).

¹ Stötzer-Kacholdl, que, desde 1992, passou a publicar os seus livros predominantemente autobiográficos sob o nome de solteira Stötzer, caracteriza-se pelo seu multifacetado perfil artístico como escritora (poesia e prosa), desenhadora, fotógrafa, produtora de filmes e activista feminista com ligações à “cena alternativa” da RDA conhecida por *Prenzlauer Berg*. A respeito da sua escrita autobiográfica, vejam-se Krol, 1997, e Linklater, 1998.

Mas esta protagonista (duplamente) errante, que numa entrada do diário referente ao histórico dia 9 de Novembro de 1989 recorda com amargura que “beschreiben ist beschaffen // das tor zur welt und nicht welt selbst” [descrever é enganar // a porta para o mundo e não o próprio mundo] (*ibid.*: 118) e que, por isso, se mete a caminho para saciar *in loco* a “hunger an der welt und nicht am brot” [fome de mundo e não de pão] (*ibid.*: 185) a que fora sujeita durante os tempos da RDA, não representa apenas um destino individual. Transcendendo a dimensão de experiências pessoais, ela simboliza, de um modo particularmente incisivo, a complexa condição identitária vivida pela grande maioria da população daquele “país que já não existe” a quem, com a derrocada do Muro de Berlim, se abriram – num sentido não apenas metafórico – novos horizontes. Se bem que, na “nova ordem mundial” posterior à imploração do “mundo socialista”, esses horizontes se tenham vindo a revelar algo ensombreados, certo é que a possibilidade de viajar por países *livremente* escolhidos de acordo quer com as apteças individuais quer com (as limitações dos) orçamentos pessoais constitui, a nível sociocultural, uma das consequências mais visíveis da “viagem” (*Wende*) ocorrida na Alemanha em 1989/90.

Conforme afirma Birgit Kawohl num dos raros estudos explicitamente dedicados ao tema da viagem na literatura da RDA, um dos fenómenos mais característicos dos primeiros tempos pós-reunificação foi precisamente o aparecimento massivo de cidadãos da Alemanha de Leste no palco mundial, isto é, nas rotas turísticas tradicionais e maioritariamente reservadas às populações ocidentais (e aos japoneses), para “recuperar de um modo excessivo” o que lhes fora negado durante os longos “anos passados atrás do muro”:

Eine der Haupterscheinungen in der Zeit nach der Wiedervereinigung war der reisende DDR-Bürger, der nach den Jahren hinter der Mauer das Kennenlernen fremder Länder exzessiv nachzuholen schien. (Kawohl, 2000: 7)

Face às medidas de restrição da mobilidade turística a destinos ocidentais e meridionais impostas pelo “antigo regime”, a avidez com que, no período que sucedeu de imediato à queda do Muro, a população da Alemanha de Leste procurava preencher essas manchas brancas no seu mapa geográfico e mental é portanto uma reacção perfeitamente lógica às carências que, a esse respeito, sofreu durante quatro décadas.² O facto de este frenesim viajero evidenciado pelos cidadãos oriundos da RDA também se ter configurado como tópico central em diversas obras literárias e cinematográficas que, com grande sucesso quer junto do público geral quer por parte da crítica especializada, se dedicaram a esse capítulo agitado da história recente da Alemanha,

² A grande importância do acesso, geopoliticamente ilimitado, à viagem para os antigos cidadãos da RDA é comprovada pelos estudos empíricos na área das Ciências do Turismo, cujos levantamentos estatísticos referentes à evolução desse domínio na Alemanha (re)unificada durante a primeira metade da década de 1990 ilustram a rápida adaptação da população da antiga Alemanha do Leste aos hábitos e destinos turísticos dos seus concidadãos ocidentais. A este respeito, vejamos, exemplarmente, os dados fornecidos em Bagger, 1992; Opaschowski, 1992; Hahn/Kagelmann, 1993; Spode, 1996; 2003; Freyer, 1998.

é, pois, um indício inequívoco da relevância simbólica e sociocultural da temática da viagem (turística) nos tempos que antecederam e sucederam ao processo da *Wende*.

De modo geral acolhido pela crítica literária de forma muito positiva, em parte mesmo num tom algo eufórico, como “Wenderoman” [romance da viagem] por excelência, a obra *Simple Stories* [sic] de Ingo Schulze (1998) merece, neste contexto, uma menção de destaque. Tal como no diário de Kachold-Stötzer, também neste subtintulado “Romance da Província do Leste Alemão”, o ponto de partida da narração consiste na nova condição turística dos cidadãos da RDA. Assim, logo no primeiro capítulo é retratada uma excursão de autocarro ao norte de Itália empreendida, em Fevereiro de 1990, por um casal da então ainda RDA. Aparentemente confundido com a legislação transitória de um Estado em vias de dissolução, o casal Meurer³ viaja sob nomes e com passaportes falsos da República Federal Alemã (RFA), documentação essa que a agência de Munique responsável pelo “pacote completo” da viagem organizara. O *pathos* com que muitos cidadãos da RDA tentavam recuperar o tempo perdido em termos de experiências turísticas e as consequentes dificuldades em se orientarem, de um momento para o outro, em realidades geográficas e culturais que, empiricamente, para eles nunca tinham existido, reflecte-se quer no tom tragicómico dessa brevíssima narrativa de viagem quer na dimensão burlesca ou mesmo grotesca que a envolve. Ao contrário do que seria de esperar, a impressão mais marcante que o casal traria da sua primeira viagem às míticas cidades de Veneza, Florença e Perugia não adviria todavia da tão ansiada experiência “real” desse “novo mundo maravilhoso”. Como constata Pinkert num artigo sobre “viagens ao Ocidente na literatura alemã do período pós-reunificação”, os excursionistas “não vêem quase nada da Itália, porque eles estão sobretudo preocupados consigo mesmos e com os problemas” relacionados com a “viagem” em curso na RDA (Pinkert, 2000: 158). Neste sentido, poder-se-á dizer que a memória de viagem mais incisiva dessa primeira visita à lendária Itália resultaria, significativamente, não do contacto *intercultural*, mas de um insólito reencontro *intracultural* entre o Senhor Meurer e o seu compatriota Dieter Schubert, Zeus de alcunha, que, conforme se vai revelando ao longo da narrativa, o primeiro teria espiado e denunciado nos tempos do “antigo regime”. Em Perugia, o excursionista Schubert sofre uma espécie de ataque de loucura decidindo subir ao telhado da catedral para daí proferir, alto e bom som, o seu discurso de denúncia e acusação públicas do “Meurer vermelho”, o velho “bonzo” do partido único da RDA (Schulze, 1998: 21). Uma vez que, além do próprio Meurer, ninguém entre o público desse “espectáculo” de *desequilíbrio* consegue decifrar o confuso discurso de um concidadão aparentemente enlouquecido, a desesperada tentativa de Zeus de fazer justiça pós-tuma revelar-se-ia inócua.

Neste breve, mas bastante complexo “conto de viagem”, o sentimento de desorientação manifesta-se ainda a um outro nível. As dificuldades da adaptação a um novo sistema político, social e cultural, dificuldades essas simbolizadas pelo acto de desespero e loucura de Zeus, não advêm apenas de problemas *internos* da RDA, que então se

³ O próprio nome de família remete de imediato para o lexema “muro” (*Mauer*, em alemão).

turistas pouco experientes. Quase tão anacrónico como os próprios "guias" da expedição, ou seja, a figura algo patética do pai de família e o clássico relato de viagens de Goethe, é o meio de transporte utilizado: um *Trabant*, modelo de automóvel *standard* da RDA. Conforme já o próprio título sugere, este carro emblemático – *Trabi, in vox populi* – desempenha no filme um papel de relevo. Apesar de técnica e esteticamente antiquado e, por isso, aparentemente, incapaz de concorrer com a (pre)potência dos seus congéneres ocidentais, simbolizada pelos Volkswagen, BMW, Mercedes ou Porsche, o *Trabi*, que é estimado e acarinhado pelo seu dono como se de um membro da família se tratasse, revelar-se-á o verdadeiro protagonista desta odisseia. Resistindo, numa espécie de luta entre David e Golias, a todos os desafios, adversidades e peripécias da agiadíssima viagem, ele assume o papel principal do herói que, ao reconduzir, por fim, os exaustos turistas são e salvos a casa, assegura o "final feliz" da história.

Conforme pudemos verificar, os textos de Kachold-Stötzer e de Schulze remetem-nos de imediato – aliás, literalmente desde as suas primeiras frases – para a problemática da viagem na RDA. O mesmo se aplica, evidentemente, ao filme *Go Trabi, go!*. Além de também problematizar ficcionalmente o tema da viagem ao mundo ocidental e meridional como realização de um sonho colectivo que, nos primeiros tempos após a queda do Muro, nem sempre se revela tão esplendoroso como por muitos esperado, esta peça cinematográfica confere uma dimensão mais "concreta" a este assunto. O filme consegue, pois, "materializar" ou objectivar a idealização da viagem projectando-a num objecto de elevadíssimo valor simbólico para a população (não só) da RDA: o automóvel. Dito por outras palavras, sob a forma feliz de uma satírica personificação heróizante do *Trabi*, Timm foi capaz de captar e apontar, com precisão e de uma só vez, os dois desejos colectivos provavelmente mais característicos dos velhos tempos da RDA, ou seja, o automóvel e a viagem ao mundo situado do outro lado do Muro. Curiosamente, quer a viagem quer o automóvel constituem símbolos ou ícones por excelência de um conceito chave da (pós)modernidade: *mobilidade*. Se acritamos a opinião – à primeira vista, algo redutora – de Werner Mirtenzwei, que considera "o carro e a livre circulação os verdadeiros propulsores da unificação" (Mirtenzwei, 2001: 460), poder-se-á afirmar que a implosão da Alemanha socialista se deveu fundamentalmente ao desejo reprimido de a sua população adquirir maior mobilidade, o mesmo é dizer, de entrar na chamada era da globalização. Se bem que a queda do Muro de Berlim tenha de ser perspectivada num contexto mais complexo no qual confluem factores de ordem diversa, essa tese (algo) provocatória que Mirtenzwei formulou num estudo recente sobre a "Literatura e Política na Alemanha de Leste 1945-2000", assim o subtriu do livro *Die Intellektuellen* (2001), apesar de difícil comprovação em termos empíricos, é porém bastante plausível.

De facto, a viagem turística ao mundo "além-muro" não é apenas uma consequência "natural", um dos *effets* provavelmente mais palpáveis da "Sanfte Revolution" [Revolução de Veludo]. A problemática da viagem esteve também, inquestionavelmente, na própria origem do maciço movimento de contestação que, por fim, iria conduzir à dissolução (inicialmente não prevista nem intencionada) da RDA. Dito de outra forma, a apertencia colectiva pela viagem turística ao mundo situado do outro lado da "Cortina de Ferro", desejo esse que durante quatro décadas fora reprimido e que, por conseguinte,

adquiriria mesmo as proporções de uma obsessão ou trauma nacional,⁵ consubstanciou uma das *causas* principais em torno das quais se reuniram centenas de milhares de manifestantes que no "Outono quente" de 1989 povoaram as ruas e praças das maiores cidades da RDA. Entre as mais diversas reivindicações populares que, de um modo geral, visavam uma liberalização e democratização do regime a nível político e económico, a exigência do direito universal do Homem à livre circulação foi sempre uma das mais ouvidas e euforicamente aplaudidas durante as lendárias "Montagsdemonstrationen" [manifestações de Segunda-Feira]. Dos milhares de faixas e cartazes que então inundaram a RDA – tipo de documentação histórica que testemunha, talvez melhor do que qualquer outra forma de registo, a enorme coragem civil então evidenciada por uma parte significativa da população – destacam-se alguns motes que, devido à peculiar originalidade com que certamente apontavam e expressavam as críticas e os anseios colectivos, se inscreveram e (por enquanto) permaneceram na memória cultural alemã.⁶ Entre a enorme quantidade de *slogans* que circularam durante a "Revolução de Veludo" figurava uma faixa com uma inscrição particularmente curiosa: "Visafreibis nach Hawaii!"⁷ Exigindo a liberalização da viagem por via da concessão geral de "vistos até ao Havai", a força expressiva e o poder sugestivo que emana deste *slogan* reivindicativo resulta de uma simples combinação de algumas poucas palavras que, no contexto histórico de um regime fechado ao mundo ocidental e, respectivamente, à maioria das "maravilhas exóticas" sob sua alçada, se revestiam de uma densíssima carga conotativa e denotativa: a palavra mágica *visto*, que constituía uma espécie de chave para o outro lado do muro e simbolizava a pertença à elite do país a quem era concedido o privilégio da viagem ao Ocidente; o lexema *libre*, afinal, a quintessência de todos os movimentos de protesto contra qualquer tipo de sistema política, social e culturalmente fechado; e, por fim, a simples indicação toponímica *Hawaii*, que conden-

⁵ Segundo Steinecke (2003), as consequências desse "trauma nacional da RDA" fizeram-se mesmo sentir muito para além do fim do próprio Estado, na medida em que, ainda em meados da década de 1990, diversos escritores da extinta RDA se viram obrigados a reconhecer que a "obsessão da viagem" os tornara vulneráveis à "sedução moral" (*tödel*: 146) por ela exercida e, assim, os levava a colaborar com o regime em troco da concessão do privilégio da viagem ao Ocidente.

⁶ O mais conhecido – porque mais reproduzido nos *media* impressos e audiovisuais – é inquestionavelmente o cartaz com a inscrição "Wir sind das Volk!" [O Povo somos Nós!]. Perante as promessas proféticas de "paisagens florescentes" para o futuro próximo, caso os cidadãos da ainda RDA votassem pelo projecto eleitoral de uma reunificação imediata proposto pelo então chanceler da República Federal Alemã Helmut Kohl, este *slogan* iria sofrer uma estranha transmutação, no sentido de passar a expressar uma exigência bem diferente da mensagem original: "Wir sind ein Volk!" [Nós somos um povo!]. A notoriedade e durabilidade destes dois cartazes na memória cultural alemã dever-se-ão à peculiaridade de demonstrarem como, num brevíssimo período de tempo, os projectos e as exigências originais dos movimentos civis por uma RDA mais democrática e mais liberal, isto é, de um Estado e regime profundamente reformados, se transformaram numa condenação à morte da RDA. A simples troca de um artigo definido por um indefinido transforma o sentido inicial, que consistia na exigência de um regime verdadeiramente democrático que respeitasse e executasse a vontade do povo, num projecto de cunho nacionalista que visaria a dissolução da RDA na constelação de uma Alemanha (re)unificada.

⁷ Certamente inspirado neste *slogan* de protesto original, posteriormente apareceu ainda uma segunda versão com a seguinte rima: "Visafreibis nach Shanghai!" [Visto livre até Xangai].

sava os desejos e sonhos colectivos tradicionais e emblematicamente associados ao imaginário do longinquo, do exótico e do paradisíaco.

Num regime ocidental da segunda metade do século XX, em que o fenómeno da viagem era (e é) normalmente associado apenas ao domínio sociocultural do lazer e dos tempos livres e, assim, pensado num contexto que aparentemente nada terá a ver com questões políticas, esta exigência "Visafrei bis nach Hawaii!" não se realçaria senão pela originalidade formal da rima e pelo seu espírito humorístico. No entanto, o facto de esta faixa de manifestação ter sido, na altura, confiscada pelas autoridades e, posteriormente, sobrevivido ao esquecimento historiográfico constitui por si só um sinal inequívoco da carga politicamente explosiva inerente ao tema da viagem na RDA. De facto, o assunto das fortes restrições da viagem impostas à generalidade da população numa época em que o turismo por destinos de opção individual tinha passado progressivamente a integrar os padrões da vida quotidiana, isto é, os hábitos socioculturais das sociedades modernas dos países industrializados, constituiu na (também muito industrializada) RDA, até ao último instante antes da abertura do Muro de Berlim, sempre um tema de elevadíssimo valor simbólico e uma problemática de enorme relevância não só sociológica e cultural, como explicitamente política. Que a *Deutsche Akademie für Sprache und Dichtung* tenha precisamente escolhido, na viagem para o ano de 1990, o termo "Reisefreiheit" [liberdade de circulação] como a "palavra do ano" de 1989 (*apud* Pinkert, 2000: 114) é, pois, um indicador sintomático dessa peculiar significância do fenómeno da viagem no contexto da extinta RDA que, em última instância, esteve mesmo na origem do colapso dessa "República dos Trabalhadores e Camponeses". Senão, vejamos.

Por via de uma conferência de imprensa, transmitida em directo pela televisão, ao início da noite de 9 de Novembro de 1989, a população da RDA assistia às "palavras mágicas" com que o porta-voz do primeiro governo pós-Honecker anunciou o fim oficial das restrições às viagens ao Ocidente: "Die Privatreisen nach dem Ausland können ohne Vorliegen von Voraussetzungen (...) beantragt werden. Die Genehmigungen werden kurzfristig erteilt." [As viagens particulares ao estrangeiro podem ser requeridas sem condicionais prévios. As autorizações serão emitidas a curto prazo]. Interrogado por um jornalista sobre o prazo da efectiva entrada em vigor desse novo decreto sobre a incondicional liberdade de circulação, Günter Schabowski, mensageiro de um regime em transição, respondeu, algo desorientado pela pergunta, que a medida se aplicaria "de imediato". Ora, proverbialmente escalados e com a desconfiança característica de cidadãos habituados a serem enganados com promessas que maioritariamente ficariam por cumprir, muitos seguraram o velho lema de "ver para crer" e puseram-se a caminho para verificar se o anúncio oficial da "imediateira" entrada em vigor do novo regulamento das viagens além-muro teria mesmo validade. Perante a pressão provocada pelos vários milhares de pessoas que ao longo dessa noite se foram formando junto à fronteira inter-alemã, sobretudo nos poucos pontos de passagem do Muro em Berlim, os agentes aduanheiros e policiais acabariam por ceder e abrir por completo a passagem.

Em suma, foi portanto devido a este insólito episódio directamente relacionado com o sempre polémico assunto da viagem que um "mero" desejo colectivo nunca

correspondido se pôde transformar numa autêntica sentença de morte, no golpe de misericórdia para um regime anacronicamente fechado ao Ocidente. O facto de os regimes do "mundo socialista" terem tentado, à força e extemporaneamente, remar contra a progressiva mobilidade internacional, que o mais tardar desde finais da Segunda Guerra Mundial adquiria um ritmo alucinante, assim excluindo parcialmente os seus cidadãos de um domínio do desenvolvimento sociocultural fundamental do processo de modernização, a saber, o direito à livre prática de circulação sob a forma do turismo, constitui inquestionavelmente um dos principais factores que determinaram a implosão de todo um edifício ideológico cujas muralhas não conseguiram resistir à gigantesca onda da globalização. A utopia socialista, concebida, no fundo, à semelhança das utopias clássicas e renascentistas, como ilha (fortificada),⁸ seria, por fim, completamente submersa pelas crescentes e imparáveis vagas migratórias de pessoas e ideias, de bens e serviços tão características da segunda metade do século XX.

Conforme aqui pudemos verificar, nos primeiros anos após a derrocada do Muro de Berlim assistiu-se, por parte dos antigos cidadãos da RDA, como que naturalmente, a um verdadeiro frenesim turístico visando sobretudo os países ocidentais e meridionais que até essa altura lhes tinham sido vedados. O facto de essa vaga de "viagens de exploração" de um "novo mundo" não ter igualmente resultado numa vaga editorial de livros de viagens poderá ser, à primeira vista, algo surpreendente. Considera, porém, que parte significativa dos escritores da RDA – mesmo os mais críticos em relação ao sistema, como Kunert, Fries ou Czechowski, para mencionarmos apenas os casos mais conhecidos – teve, apesar de tudo, a oportunidade de usufruir do privilégio da "Westreise", podendo ser, assim considerados viajantes mais ou menos *habitués* numa sociedade "provinciana" que se fechara a toda uma metade do globo, a escassez de relatos de viagens na época de transição torna-se um aspecto perfeitamente compreensível. Na verdade, face ao "Zusammenbruch des DDR-Modells 'Literaturgesellschaft'" (Emmerich, 1994c: 183), ao colapso do modelo da RDA de uma "sociedade literária" que conferia à figura social do escritor tanto o papel privilegiado de "embaixador" no "estrangeiro não-socialista", como a função de mediador ou transmissor de informações (pretensamente objectivas e autênticas) sobre esse mundo além-muro, o escritor-viajante via-se então perante um novo cenário que dispensava a sua presença como protagonista. Numa altura em que os seus leitores tinham, repentinamente, adquirido a possibilidade de representarem eles próprios o papel de turistas-protagonistas, isto é, de poderem fazer *in persona* e *in loco* a extraordinária experiência da viagem que anteriormente se lhes afigurava como um fenómeno, por assim dizer, transcendental, pode-se considerar que os poetas-viajantes da antiga RDA tinham perdido a sua legitimação, quer num sentido socioprofissional, quer enquanto tema ou objecto

⁸ Referimo-nos aqui, evidentemente, aos arquétipos constituídos, entre outros, pelas *Lesis* de Platão respeitantes ao Estado de Creta, pela *Utopia* de Thomas Morus, pela *Nova Atlântida* de Francis Bacon e *A Cidade do Sol* de Tommaso Campanella, assim como, já na viagem do século XVIII para o século XIX, pelo modelo "económico" de Johann Gottlieb Fichte *Der geschlossene Handelsstaat*, cujos "estados ideais" assentam todos numa concepção "insular" de isolamento geográfico e/ou fortificação que implicaria uma política de viagem extremamente restritiva.

literário. Mais preocupados em reflectir não apenas sobre as múltiplas funções que tinham desempenhado num sistema que acabara de desabar, como também sobre o seu (re)posicionamento num novo modelo de sociedade e de cultura, mormente num novo mercado literário, o meio mais adequado para o fazer não seria o género do relato de viagens, mas a autobiografia, o ensaio e, evidentemente, o romance. Ainda que seja possível mencionar diversos exemplos de livros de viagens, vindos a lume entre 1989/90 e 1996, com marcas ainda bem visíveis dos antigos condicionais da RDA,⁹ facto é que o tema da viagem foi então maioritariamente funcionalizado, não como objecto de representação propriamente dito, mas como um motivo metafórico sobre o qual se projecta a problemática identitária noutras géneros narrativos que não o relato de viagens num sentido mais restrito.

Um desses casos é representado, a nosso ver, de forma paradigmática pela peculiar *Harzreise* de Thomas Rosenlöcher (1991), em que a figura de Heinrich Heine, entendida como “Grenzgänger in Zeiten des Umbruchs”, ou seja como um viandante que, em tempos de transformações radicais, caminha precisamente junto à fronteira (cf. Maros, 1998: 123), e a sua matriz literária dos *Reisebilder* se consubstancia numa espécie de apoio animico para o desorientado cidadão-narrador de um país em vias de extinção sobreviver aos tempos transitórios e confusos da “viagem” que medeiam entre a queda do Muro e a Reunificação. Poucos anos depois da *Wende* e dessa publicação de Rosenlöcher, o tema da viagem revestiu-se-ia, na perspectiva de diversos romancistas da (antiga) Alemanha do Leste, de uma dimensão cada vez mais melancólica. No romance de Monika Maron (1996/2003) *Animal triste*, obra entretanto também traduzida para português, encontram-se múltiplas referências a essa temática constituída, assim, um exemplo deveras ilustrativo de como o sonho colectivo da viagem ao “Golden West” se transformaria, na “era *post murus*”, numa banalidade pela qual já não valeria a pena ansiar. Na seguinte passagem, a protagonista, uma paleontóloga oriunda — tal como a autora — da extinta RDA, expressa por palavras suas aquele processo que Siegfried Kracauer (1977: 40-49) denominara, já nos anos de 1920, de “Relativierung des Exotischen” ou, se quisermos, de banalização da viagem a destinos longínquos:

No tempo do domínio do bando, em que todos nós sonhávamos com os países e paisagens longínquas (...), eu respondia à constante pergunta, onde iria, se apesar de tudo acontecesse o impossível: iria ao jardim de Pliny Moody e tinha a certeza de que apanharia o primeiro avião ao meu alcance para voar em direcção a South Hadley, Massachusetts.

Mas não fiz isso. Já não tinha pressa. O lugar a que eu chamava o jardim de Pliny Moody deixara subitamente de me pertencer. Tinha-se tornado um objecto acessível a toda a gente, possivelmente um lugar de paragem para agências de viagem de todo o mundo, aquelas que transportam de meia em meia hora, em autocarros climatizados com retreces quimicas, bandos de

turistas meios nus a South Hadley, onde eles fotografavam as pegadas de uma espécie de ave, já há muito vedadas [sic], bebiam Cola e comiam salisichas até que o autocarro os recolha de novo (...). Eu receava que o jardim Pliny Moody não correspondesse à minha saúde e na pior das hipóteses até pudesse contradiçê-la. (Maron, 2003: 60)

À inicial euforia causada pelo acesso ilimitado a todo o mundo e às consequentes expectativas da realização de um sonho desde há décadas adiado seguir-se-ia, de um modo surpreendentemente rápido, a grande desilusão. Desilusão ou desengano esses que, na nossa perspectiva, não podem ser todavia colocados ao mesmo nível do que hoje muitos consideram ser um nostálgico branqueamento da história da RDA, ou seja, a chamada *Ostalgie*. A conclusão da protagonista da narrativa *Die Überfliegerin* de Angela Krauß (1995), uma ex-cidadã da RDA que enceta uma viagem (simbólica) em torno do globo, do Leste via Ocidente de regresso ao Leste, parece-nos transcender a dimensão de uma irreflectida “nostalgia do Leste”. Radicando antes numa profunda melancolia de matriz filosófica, que pode ser, ao mesmo tempo, entendida como reacção àquela verente específica de uma pós-modernidade que se auto-entende como a “gloriosa vencedora” da Guerra Fria e que, por conseguinte, concebe a pretensa harmonia da aldeia global e a monoculturalidade como o fim — alegadamente, lógico e legítimo — da História, as conclusões finais da “circum-voadora” são colocadas na boca de uma “avozinha” sedentária numa pequena aldeia russa que se dirige à narradora com as seguintes palavras:

Ja, bleib nur, redere das Großmütterchen aus der Sofaecke heraus, bleib nur. Du bist hier wie anderswo am richtigen Ort, also kannst du auch hier sein. Es ist gleichgültig, wo du bist, alles ist richtig. Der Mensch muß nicht fort, wozu? Um die Welt zu sehen? Wozu? Der Mensch sieht immer sich selbst. Alles was er sieht, sieht ihm ähnlich, Länder, Leute, es ist alles nach seinem Maß. Er kann nicht wirklich Fremdes aufnehmen, der Mensch. Alles was er von draußen erkennen kann, ist er selbst. Er ist in sich eingeschlossen, und deshalb sucht er die Freiheit. Er sucht die Freiheit an einem Ort draußen. (Krauß, 1995: 118)

[Sim, deixa-te ficar, dizia a avozinha sentada no canto do sofá, deixa-te ficar. Estarás no lugar certo, tanto aqui como em qualquer outro lugar, portanto também te podes deixar ficar por aqui. É indiferente onde te encontrares, tudo está certo. O ser humano não precisa de partir, para quê? Para ver o mundo? Para quê? O ser humano é sempre si mesmo. Tudo o que vê se assemelha a ele, países, povos, tudo é feito à sua medida. Ele, o ser humano, não é capaz de assimilar o que lhe é verdadeiramente estranho. Tudo o que é capaz de reconhecer no exterior é ele próprio. Ele está encerrado em si mesmo, e é por isso que ele procura a liberdade. Ele procura a liberdade num lugar exterior.]

É certo que tal sagacidade só pode advir, por um lado, da experiência própria, ou seja, de um processo de aprendizagem que os pedagogos denominam de “learning by doing”, e, por outro, da consciência de um efeito psicológico perfeitamente normal que o incansável viandante Max Dauthendey transpôs para o fenómeno da viagem formulando-o, em 1915, no seu conto ensaístico “Himalayafinsteris” da seguinte forma:

⁹ Por exemplo, o relato sobre uma viagem a Jerusalém de Irene Runge (1990), o diário cazaquis-tanas de Helga Schütz (1992), a antologia de reportagens de viagens de Marco Martin (1994) ou os livros de Wolfgang Sabbarth (1995) e de Adolf Endler (1996) sobre os seus píriplos pelos Estados Unidos.

Das ist der Fluch und zugleich die Wollust des Reisens, daß es Dir die Orte, die Dir vorher in der Unendlichkeit und in der Unerreichbarkeit lagen, endlich und erreichbar macht. Diese Endlichkeit und Erreichbarkeit aber zieht Dir geistige Grenzen, die Du niemehr loswerden wirst. Wenn sich Deine Seele, ohne daß Dein Leib reist, an einen Ort hin versetzt, in dem Du nie warst, so kann sie an dem Ort (...) geistreich [wandern]. Hast Du aber den Ort einmal reisend mit Deinem Leib erreicht und wirkliche Tage dort erlebt, so bist Du dem Gefängnis der Wirklichkeit verfallen. (...) Dies ist der Fluch, der die Seele des Reisenden belastet. Die Flügel der Geistigkeit werden ihm von der Wirklichkeit beschritten. (Dauthendey, 1919: 44s.)

[É esta a maldição e, ao mesmo tempo, a voluptia da viagem, o facto de ela retornar os lugares que anteriormente se encontravam na infinitude e na inalcançabilidade finitos e alcançáveis. Essa finitude e alcançabilidade impoem-te, porém, limites espirituais dos quais jamais te libertarás. Quando a tua alma, sem que o teu corpo viaje, se transpõe para um lugar onde nunca antes estiveras, ela poderá aí movimentar-se com grande leveza espiritual. No entanto, uma vez que tenhas, viajando, alcançado o lugar com o teu corpo e aí realmente vivido alguns dias, nesse caso ficarás à mercê da prisão da realidade. (...) É esta a maldição que pesa sobre a alma do viajante. As asas da espiritualidade são-lhe cortadas pela realidade.]

O monumental desencanto-com a nova liberdade de uma mobilidade ilimitada, aqui exemplamente manifestado por Maron e Krauß, resulta portanto da tomada de consciência de se encontrarem agora – convém realçá-lo, após terem saciado a sua “fome de mundo” – na “prisão da realidade” da qual jamais se poderão evadir.

Numa perspectiva menos metafísica, resta referir que os cidadãos daquele “país que já não existe” vivem hoje num mundo global em que teoricamente lhes é possível “caminhar por países que” para eles “nunca tinham existido”. Já não precisam de “Vistos livres até ao Havaí” e têm (pelo menos relematicamente) a “Sicht frei bis Shanghai” [Vista livre até Xangai]. Considerando, no entanto, os elevados custos socioeconómicos – nomeadamente as altíssimas taxas de desemprego na província do Leste – inerentes ao árduo processo da fusão das duas Alemanhas que, conforme demonstra o recente estudo de Wolfgang Herles *Wir sind kein Volk* (2005), se encontra numa fase de estagnação ou mesmo tendencialmente regressiva, poder-se-á especular que terá sido relativamente reduzido o número de alemães do Leste que, desde a abertura da fronteira intra-alemã e da posterior “adopção” da RDA pela RFA, conseguiu experimentar *in loco* as maravilhas de tais recantos longínquos e exóticos. É que as (grandes) viagens turísticas não só requerem (apesar da crescente oferta de pacotes *low cost*) consideráveis quantias de dinheiro, como rapidamente se devedam como buscas ilusórias de um paraíso terrestre há muito perdido: dois factores que nos poderão ajudar a compreender o facto algo desconcertante de o valor conferido pela população da antiga RDA à incondicional liberdade de circulação ter vindo, durante os últimos anos, a decrescer de forma notória.¹⁰

Para terminar, podemos considerar que estes dados empíricos mais recentes corroboram de certo modo a constatação que o filósofo contemporâneo Jochen Kornelius Schütze fizera uma década antes. Passados apenas cinco anos após a imposição de um regime que, durante quase meio século, condicionara fortemente a mobilidade física e mental dos seus cidadãos, Schütze já vislumbrava na nova “(des)ordem global” pós-socialista uma curiosa “convergência zero” em relação aos resultados efectivos de duas concepções distintas da prática da viagem que durante quatro décadas alimentaram as ilusões colectivas de ambos os lados da Cortina de Ferro:

Das Reiseverbot und die grenzenlose Reisefreiheit treffen sich nach einer langen Phase des kalten Krieges in einer Welt, in der beide ihre Bedeutung verloren haben. Das Reiseverbot schafft keine Heimat und das Reisen keine Abgeschiedenheit mehr. (Schütze, 1995: 599)

[A proibição da viagem e a liberdade ilimitada da viagem encontram-se, após uma longa fase da Guerra Fria, num mundo em que ambas perderam o seu significado. A proibição da viagem não foi capaz de criar uma pátria e a viagem já não consegue proporcionar um refúgio.]

Bibliografia citada

- Bagger, Wolfgang (1992), “Tourismus in der DDR vor und nach der Wende”, in D. Kramer/R. Lutz (Hrsg.), *Reisen und Alltag*, Frankfurt/M., Inst. für Kulturanthropologie und Europ. Ethnologie, p. 173-202.
- Dauthendey, Max (1919), “Himalayafinsternis”, *Die schönsten Geschichten von Max Dauthendey*, München, Langen/Müller, p. 44-66 [Ed. orig.: 1915, in *Geschichten aus den vier Winden*].
- Emmerich, Wolfgang (1994), “Status melancholicus. Zur Transformation der Utopie in vier Jahrzehnten”, in W. E., *Die andere deutsche Literatur. Aufsätze zur Literatur aus der DDR*, Opladen, Westdeutscher Verlag, p. 175-189.
- Endler, Adolf (1996), *Warnung vor Uah. Momente einer USA-Reise*, Leipzig, Kiepenheuer.
- Freyer, Walter (1998), *Tourismus. Einführung in die Fremdenverkehrsökonomie*, München/Wien, Oldenbourg.
- Hahn, Heinz/Hans Jürgen Kegelmann (Hrsg.) (1993), *Tourismuspsychologie und Tourismussoziologie. Ein Handbuch zur Tourismuswissenschaft*, München, Quintessenz.
- Herles, Wolfgang (2005), *Wir sind kein Volk. Eine Polemik*, München/Zürich, Piper.
- Kawohl, Birgit (2000), “*Besser als hier ist es überall*”. *Reisen im Spiegel der DDR-Literatur*, Marburg, Tectum.
- Kracauer, Siegfried (1977), “Die Reise und der Tanz”, in S. K., *Das Ornament der Masse*, Frankfurt/M., Suhrkamp, p. 40-49.
- Krauß, Angela (1995), *Die Überfliegerin. Erzählung*, Frankfurt/M., Suhrkamp.

¹⁰ De acordo com os dados estatísticos mencionados por Herles (2005: 29), em 1990 cerca de três quartos da população da recém-extinta RDA consideravam a “Reisefreiheit” [liberdade de circulação] – conceito “mágico” que, recordemo-lo, no mesmo ano fora precisamente eleito como

- Krol, Monika (1997), "Gabriele Stötzer's Works as Testimony", *New German Review*, 12, 1997 [www.germanic.ucla.edu/NGR/Ingr12/krol.htm>, 31.05.2006].
- Linklater, Beth V. (1998), *Und immer zügelloser wird die Lust. Constructions of Sexuality in East German Literatures*, Bern/Zürich/New York, Lang.
- Maier, Charles (1999), *Das Verschwinden der DDR*, Frankfurt/M., Fischer.
- Maron, Monika (2003), *Animal triste*, trad. Maria José Peixoto Lieberwirth, Porto, Ambar [Orig. Alemão: 1996].
- Martin, Marko (1994), *Mit dem Taxi nach Karthago. Ein Ex-Ossi entdeckt die Welt*, Heidelberg, Schwartz.
- Maros, Mário (1998), "Thomas Rosenlöchers *Die Wiederentdeckung des Gehens beim Wandern*. Eine Harzreise auf den Spuren Heines" in Alfred Oplitz (Hrsg.), *Differenz und Identität. Heinrich Heine (1797-1856). Europäische Perspektiven im 19. Jahrhundert*, Trier, WTV, p. 113-124.
- (2001), "Reise nach Poecanien? Zur literarischen Kommunikation über die Fremde in der DDR", in Alfred Oplitz (Hrsg.), *Erfahrung und Form. Zur kulturwissenschaftlichen Perspektivierung eines transdisziplinären Problemkomplexes*, Trier, WTV, p. 175-190.
- (2003), "Kein Pass für Rio, Brasilienbilder in der DDR", in Orlando Grossegeese et al. (org.), *Portugal-Alemanha-Brasil. Actas do VI Encontro Luso-Alemão*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, vol. II, p. 289-309.
- (2004), "Fome de mundo, reflexões sobre a literatura de viagens na extinta RDA", in *Estudos Literários/Estudos Culturais. Actas do IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada 2001*, Universidade de Évora [CD-ROM].
- (2010), *Postigos para o Mundo. Cultura turística e livros de viagens na República Democrática Alemã (1949-1989/90)*, Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus.
- Mittenzwei, Werner (2001), *Die intellektuellen. Literatur und Politik in Ostdeutschland 1945-2000*, Leipzig, Faber und Faber.
- Opaschowski, Horst (Hrsg.) (1992), *Urlaub 91/92, Trendsziele und Trendsetter im Tourismus der 90er Jahre. Die zweite gesamtdeutsche Urlaubsanalyse*, Hamburg, Gema Press.
- Pinkert, Ernst-Ulrich (2000), "Reisefreiheit und Goldener Westen. Westreisen in der deutschen Nachwendeliteratur" in E.-U. P. (Hrsg.), *Die Globalisierung im Spiegel der Reiseliteratur*, Kopenhagen/München, Fink, p. 141-161.
- Rosenlöcher, Thomas (1991), *Die Wiederentdeckung des Gehens beim Wandern. Harzreise*, Frankfurt/M., Suhrkamp.
- Runge, Irene (1990), *Sechs Wochen Jerusalem. Ein Reisebericht*, Berlin, Reiter Verlag.
- Sabath, Wolfgang (1995), *Als Ossi in Amerika. Satirische Reise zu unseren neuen Freunden*, Berlin, Edition Ost.
- Spode, Hasso (Hrsg.) (1996), *Goldstrand und Teufelengrill. Kultur- und Sozialgeschichte des Tourismus in Deutschland 1945 bis 1989*, Berlin, Verlag für universitäre Kommunikation.
- (2003), *Wie die Deutschen "Reiseweltmeister" wurden. Eine Einführung in die Tourismusgeschichte*, Erfurt, Landeszentrale für politische Bildung.
- Schulze, Ingo (1999), *Simple Stories. Ein Roman aus der ostdeutschen Provinz*, München, DTV.

- Schütz, Helga (1992), *Heimat süße Heimat. Zeit-Rechnungen in Kasachstan. Tagebuch*, Berlin, Aufbau.
- Schütze, Jochen Kornelius (1995), "Das Ende vom Abschied", *Sinn und Form*, 1995, 4, p. 595-603.
- Steincke, Hartmut (2003), "Reisen über Grenzen. Ein DDR-Trauma in der Nachwendeliteratur", in R. Schlesier/U. Zellmann (Hrsg.), *Reisen über Grenzen. Kontakt und Konfrontation. Maskerade und Mimikry*, Münster, etc., Waxmann, p. 143-153.
- Stötzer-Kachhold, Gabriele (1992), *grenzen los fremd gehen*, Berlin, janus press.